



Vale adota a "Amazônia mineira"

Governo Aécio Neves começa com três convênios pró-biodiversidade no Estado, incluindo a adoção do Parque Estadual do Rio Doce pela CVRD.

MARCELO PRATES



Considerada a maior área contínua de floresta tropical em Minas, com 36 mil hectares de vegetação atlântica, 400 espécies de aves e pelo menos dez mil espécies botânicas preservadas entre 42 lagoas interligadas e piscosas - daí o apelido de "Amazônia mineira", em pleno Vale do Aço, no coração siderúrgico e devastado do Brasil, o Parque Estadual do Rio Doce ganhou um estratégico e empresarial sopro de vida neste início de ano.

Um protocolo de intenções assinado durante cerimônia pública, mês passado, no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, entre o Governo de Minas e a Cia. Vale do Rio Doce, através do Instituto Estadual de Florestas, prevê o estudo e financiamento de alternativas de gestão moderna que possam torná-lo auto-sustentável, tal como a empresa conseguiu implantar, pioneiramente, na Reserva de Linhares, no Estado do Espírito Santo.

Até 15 de abril, conforme assegurou o diretor de Meio Ambiente da CVRD, Maurício Reis, uma equipe formada por seus técnicos e do IEF mineiro estarão elaborando

A SOLENIDADE concorrida: José Carlos Carvalho, Alberto Pinto Coelho, Humberto Candeia, Manuel Sobral Filho e Maurício Reis

uma proposta de gestão compartilhada do parque, com objetivos, metas, ações e o respectivo plano de implementação:

"Trata-se, afinal, de um velho sonho em comum. Minas tem uma jóia, que é o excepcional acervo natural do Rio Doce. No Espírito Santo nós também temos uma jóia, que é a Reserva de Linhares, com 23 mil hectares, onde a Vale conseguiu implementar um modelo inovador de gestão. Linhares é hoje talvez a primeira unidade de conservação no Brasil gerida dentro de um modelo empresarial. Isso permitiu que atingíssemos, já no primeiro ano de operação, a sua desejada auto-sustentação econômica".

Criar unidades de conservação, ressaltou Maurício Reis, é fundamental. Mas é também extremamente importante obter os recursos necessários para mantê-las: "Daí a importância da nossa parceria. A própria unidade de conservação, desde que muito bem disciplinada, pode auxiliar na geração dos recursos para a sua proteção e sobrevivência", garantiu.

Novo Atlas - A empresa também celebrou com a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) e a Fundação Biodiversitas, o repasse de R\$ 250 mil para a atualização do

"Atlas de Áreas Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade de Minas Gerais". A primeira edição foi lançada em novembro de 1998 e a sua atualização tornou-se uma prioridade em função das novas informações biológicas e sócio-econômicas da realidade do Estado, assim como da nova legislação ambiental surgida nesse período. Segundo Ilmar Bastos, presidente da Fundação Biodiversitas e recém-nomeado para dirigir a Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam), o Atlas é um documento com aval técnico de especialistas de ponta, "que serve como base de atuação para os governos estadual e municipal traçarem suas políticas e ações de conservação da natureza".

A mesma cerimônia, presidida pelo secretário José Carlos Carvalho, celebrou um outro convênio importante, este com a International Tropic Timber Organization (ITTO), com sede no Japão, para o desenvolvimento do projeto piloto de reflorestamento pró-recuperação de áreas degradadas na região do Médio Rio Doce. O valor total do convênio é de US\$ 795.543,00, sendo que US\$ 543.892 investidos a fundo perdido pela ITTO, assegurou o diretor-executivo da entidade, Manuel Sobral Filho. A contrapartida do Estado será feita através da utilização do corpo técnico do IEF e de parceiros universitários. ■

MAURO ZALIO



ACREDITANDO EM DEUS

O primeiro personagem ilustre do Parque Estadual do Rio Doce foi o capitão Guido Tomaz de Marlière. Ele veio para o Brasil em 1807, com D. João VI. Chamado de "Apóstolo das selvas mineiras", Marlière foi nomeado depois, por D. Pedro I, catequizador dos índios botocudos que viviam no Vale do Rio Doce. Ao subir no alto da serra da antiga Onça Grande, cidade-município que hoje leva seu nome e ocupa nada menos que 55% da área do parque, ele deparou com a beleza do vale e não se conteve. Acompanhado de caboclos e catequizados, o capitão viu o que descreveria mais tarde, como "uma planície esplendorosa, salpicada de lagoas, qual manto verde com nódulos azul-celestes". Caiu de joelhos e proclamou diante de tanta beleza: "Je crois en Dieu!" Ao dizer entusiasmado, diante de tanta beleza, que acreditava em Deus, as pessoas que estavam à sua volta gravaram o som em francês do seu deslumbramento. Algo parecido com "jacroá". É por isso que este alto do morro, hoje transformado em mirante turístico pela prefeitura de Marliéria, se chama "Alto do Jacroá".

"AMAZÔNIA" ENTRE MONTANHAS

Localizado a 248 quilômetros da capital mineira, entre os municípios de Marliéria, Dionísio e Timóteo, o Parque Estadual do Rio Doce já ganhou reconhecimento como "Reserva Mundial da Biosfera", pela Unesco. O Banco Mundial chegou a declarar oficialmente que a sua preservação "como reserva genética e patrimônio da humanidade, e a sua utilização de forma ecológica pelas populações periféricas, é um dos mais bem sucedidos projetos de desenvolvimento florestal sustentado que apoiamos na América Latina". O maior elogio ao parque veio um ano depois da RIO/92. Foi quando o então ex-ministro da Fazenda e do Meio Ambiente e Amazônia Legal, Rubens Ricúpero declarou, após visitá-lo e testemunhar o seu complexo de imensas lagoas que se comunicam misteriosamente, mesmo estando em cotas diferentes e separadas por florestas: "Este parque é a Amazônia dos mineiros!" O que completou em 1994, durante as comemorações dos 50 anos de criação do parque, outro ex-ministro e atual secretário de Meio Ambiente de Minas, José Carlos Carvalho, na época diretor-geral do Instituto Estadual de Florestas: "Tudo o que já fizemos e ainda pudermos fazer pelo Parque será pouco, quase nada, diante do que a Natureza e o Criador fizeram ali".